



## História de Vida e Formação: Narrativa Autobiográfica e Reflexões Sobre a Reinvenção de Si

### *History of life and formation: autobiographical narrativa and reflections on reinventing oneself*

Andressa Karoline de Castro Gomes<sup>1</sup>

FACUMINAS, <https://orcid.org/0009-0003-6248-6659>, [prof3andressa@gmail.com](mailto:prof3andressa@gmail.com)

#### Resumo

Este relato de experiência é uma reflexão sobre a história de vida da autora, explorando a subjetividade, as memórias e as vivências, no seu processo formativo. Ao adotar uma abordagem subjetiva, foi possível reconstruir uma imagem clara e inspirada de si mesma, revelando dificuldades e superações. A subjetividade desempenha um papel fundamental neste relato, pois expressa a interpretação única de eventos e situações que permeiam sua história de vida. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é permitir o entendimento de que ao revisitar o passado e olhar para trás estabelece fortes conexões com o passado recente, como um meio de resistência, empoderamento e a certeza daquilo que quero ser hoje: docente. Essa jornada de autoconhecimento mostrou a importância de abraçar a própria história, com todas as suas particularidades. Ao trazer à tona emoções, pensamentos e sentimentos, convida-se aos(as) leitores(as) a se conectarem com essa história na expectativa de inspirar outros(as) a explorar suas próprias histórias, abraçar sua subjetividade e encontrar significado em suas experiências pessoais.

Palavras-chave: Narrativa autobiográfica; Reflexão de memórias; Formação; Docência.

#### Abstract

This experience report is a reflection on the author's life story, exploring subjectivity, memories and experiences in her formative process. By adopting a subjective approach, it was possible to rebuild a clear and inspired image of herself, revealing difficulties and overcoming difficulties. Subjectivity plays a key role in this report, as it expresses the unique interpretation of events and situations that permeate her life story. This journey of self-knowledge showed the importance of embracing one's own history, with all its particularities. By bringing out emotions, thoughts and feelings, readers are invited to connect with this story in hopes of inspiring others to explore their own stories, embrace their subjectivity and find meaning in their personal experiences.

Keywords: Autobiographical narrative. Reflection of memories. Training. Teaching.



## 1 Introdução

Entendo a autobiografia como uma forma de expressão pessoal e um testemunho autêntico da vida de um indivíduo, desempenhando um papel fundamental na preservação da história e na compreensão das experiências humanas. Portanto, o trabalho apresenta como temática “História de vida e formação: Narrativa autobiográfica e reflexões sobre a reinvenção de si”, tendo em vista que ao compartilhar memórias, reflexões e perspectivas, os/as autores/as de autobiografias nos convidam a embarcar em suas jornadas pessoais, permitindo-nos vivenciar momentos significativos e desafiadores ao longo de suas vidas.

Desse modo, compreendo a relevância de escrever, narrar, compartilhar e refletir sobre minha história através desta escrita, levando em consideração os pensamentos de Almeida, 2018, que ressalta fazer biográfico como algo importante porque com ele podemos compreender a trajetória de mulheres e homens como sujeitos da história, vemos como os documentos representam os indivíduos e como esses são representados por suas escrituras e pelas escritas dos outros, o biografado com um todo, do indivíduo ao coletivo.

Os relatos pessoais advindos das nossas histórias, fornecem um olhar sobre diferentes épocas, culturas e contextos sociais, oferecendo-nos a oportunidade de aprender e se relacionar com as experiências e as lições de vida de outros. Através da autobiografia, somos convidados a refletir sobre nossa própria identidade e história, e compreender que cada vida tem uma importância única e digna de ser compartilhada. Refletir a própria história é necessário, pois como nos diz Rabelo, 2011, “no ato de relatar a reflexividade é ativada, até mesmo porque ao interagir com outra pessoa o sujeito tem a possibilidade de tentar esclarecer os seus motivos e modos de ser”, assim justifico minha escrita a partir do desejo de refletir sobre minha história.

Assim sendo, a escrita de minha autobiografia se justifica a partir do desejo e necessidade de visibilizar minha história através do compartilhamento da minha jornada, como também aprimorar meu próprio conhecimento pessoal ao visitar nas minhas memórias eventos e desafios do passado, e assim reinventá-los no presente. Compreendo que a autobiografia desempenha um papel crucial na valorização das narrativas



individuais e na construção de uma compreensão mais abrangente e empática da condição humana, portanto faz-se importante a escrita, “é preciso discutir a autobiografia como uma escrita que autoriza o sujeito, entendido como sujeito do mundo moderno, um autorreferenciar-se e auto revelar-se” (SANTOS, 2006).

O presente trabalho tem por finalidade apresentar partes da minha própria história de vida, através de memórias, vivências e lembranças individuais que carrego em minha vasta bagagem e partir disso, desenvolver uma análise reflexiva acerca da minha autobiografia, refletindo através desta, as experiências formativas que vêm a contribuir para aquilo que sou atualmente e quero ser futuramente.

Objetivo ainda, mostrar a partir deste trabalho, que a minha autobiografia/experiência de vida pode servir como uma fonte de inspiração e encorajamento para os leitores e leitoras, mostrando-lhes que é possível superar as adversidades, buscar a confiança e o crescimento pessoal. Para mais, aproximo minhas reflexões com a formação humana, seja ela pessoal ou profissional, no sentido de mostrar como as histórias de vida estão interligadas às diversas experiências formativas.

Para tanto, utilizarei da exposição da minha subjetividade, ou seja, mostrar o que penso sobre mim mesma, o que sinto, o que busco, sendo autora e personagem principal da minha própria história, ou como diz Carrasco, 2021, mostrar um “conjunto de qualidades e características individuais de uma pessoa, tudo aquilo que há de mais particular”. A subjetividade desempenha um papel crucial na compreensão da experiência humana e na formação de nossa visão de mundo, através dela somos capazes de expressar nossa individualidade e confiança.

Desse modo, sabendo que a subjetividade influencia a forma como cada indivíduo interpreta e compreende o mundo ao seu redor, afetando suas escolhas, comportamentos e interações sociais, utilizarei essa ferramenta para conectar-me ao meu passado. Neste sentido, a finalidade/objetivo do presente trabalho é permitir o entendimento de que ao revisitar o passado e olhar para trás estabelecemos fortes conexões com o passado recente, como um meio de resistência, empoderamento e a certeza daquilo que quero ser hoje: docente. Ao reconectar-me com as raízes culturais e históricas, fortaleço minha identidade e reafirmo meus valores, desafiando a cultura dominante e construindo



alternativas mais coerentes e buscando as oportunidades que me fazem crescer enquanto pessoa e profissional. Sendo assim, desejo a todos uma ótima leitura e que possam utilizar diversas formas de interpretação, para aproximar-se da minha história.

## 2 Metodologia

O processo metodológico do presente relato teve como foco descrever vivencialmente o processo da produção da minha própria autobiografia e seu impacto para minha formação docente tendo como referência a disciplina de Autobiografia e Educação, cursada como eletiva, no curso de pedagogia.

Para tanto, utilizo mecanismos como a escrita reflexiva, análise de documentos pessoais relevantes, e principalmente da exposição da minha subjetividade, ou seja, tento mostrar o que penso sobre mim mesma, o que sinto, o que busco, sendo autora e personagem principal da minha própria história. Esse processo me permitiu a coleta de informações relevantes e a abrangência da narrativa autobiográfica.

Ao analisar os dados encontrados, foram identificados temas recorrentes, momentos de transformação, desafios superados e percepções ganhas ao longo de minha história de vida. Posteriormente, trabalhei de modo interacional, descrevendo como as reflexões autobiográficas influenciaram minha compreensão sobre mim mesma, minhas escolhas educacionais e profissionais, e como elas se desenvolveram para minha evolução como indivíduo e como essas experiências moldaram minhas perspectivas e abordagens na área de formação.

## 3. Resultados e Discussões

### 3.1 Quem sou e por onde andei: minhas origens, infância e identidade

“Onde estiver seja lá como for, tenha fé  
porque até no lixão nasce flor”

- Racionais MCs



Sou Andressa Karoline de Castro Gomes, nascida e criada na cidade de Palmácia, serra alocada no Maciço de Baturité, no Nordeste do Brasil. Minha história é bem complexa, confesso que até hoje sinto muita dificuldade em contá-la, não só pelos desafios vividos no seu decorrer, mas também pelo fato de que muitas verdades dessa história, por algum motivo, foram escondidas de mim, de modo a me deixar bem confusa. Sendo assim, o que retrato aqui são falas e histórias que chegaram até mim por diferentes bocas e narrativas, fato que muito interfere naquilo que entendo como minha identidade. De acordo com, Haal, 2011,

as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado „positivo“ de qualquer termo – e, assim, sua „identidade“ – pode ser construída (p. 110).

A questão da identidade pode ser um processo pessoal e único para cada indivíduo, porém por um longo período, eu desconhecia minha própria identidade, tendo em vista que eu não tinha autoconhecimento sobre minha própria trajetória. Considero que antes de falar sobre a própria identidade, é importante ter uma compreensão clara de quem somos e como nos identificamos, refletindo ainda sobre nossas experiências, valores, crenças, emoções e características que moldam nossa identidade.

Quando nasci minha mãe era bem nova, acredito que devia ter seus 17 anos ainda, meu pai também não era tão velho e gostava muito das coisas que a vida oferecia. Pelo que sei, eles brigavam muito e os cuidados comigo não eram dos melhores, até que um dia, em uma dessas brigas, minha mãe foi embora, me deixando para trás. Passei a viver com meu pai e minhas tias paternas, era complicado. Meu pai bebia, me batia e logo me entregava para outra pessoa. Fui morar com minha madrinha, por pouco tempo, pois como eu era uma criança “danada”, ela não me quis, aliás ninguém me queria por muito tempo.

Sendo assim, quando minha madrinha me devolveu, voltei para a casa do meu pai, que por sua vez continuava o mesmo, e como de costume me entregou para os cuidados de outra família. Essa dinâmica de morar com diversas famílias, aconteceu até meus 6



anos e meio. Eu vivia de casa em casa, como naquele verso da música da Legião Urbana, que diz: *“Já morei em tanta casa que nem me lembro mais, eu moro com meus pais”*. Nem todas as famílias eram boazinhas, então eu apanhei muito de muita gente, fui humilhada, gritada e muitas vezes escoraçada, ouvi muitos palavrões e discursos de nojo voltados a mim.

O fato de passar por uma infância marcada por instabilidade e negligência, como também o fato de ninguém me querer por perto, me leva a refletir que essas experiências deixaram cicatrizes profundas em mim, de modo que por muito tempo eu não tinha desejo em compartilhar minha história. Todavia, é importante lembrar que as experiências difíceis da infância podem moldar a maneira de como as pessoas pensam sobre nós mesmos e ao mundo ao nosso redor, esse fato me fez mudar de ideia. É natural que a partir das experiências e vivências negativas, queiramos nos fechar, guardar no nosso interior, porém a escrita da nossa própria história, vem a ser uma ferramenta poderosa para a autorreflexão, autoconhecimento, formação e crescimento pessoal tanto para o autor quanto para o leitor. Como enfatiza CAMARGO, 2010:

[...] o ato de escrever, na escrita de cartas, na escrita de si, os estudos autobiográficos contribuem para nos aproximarmos da escrita como formação. Na relação tensa configurada pelo íntimo, o espaço autobiográfico, no qual inserem-se os estudos autobiográficos temporalizados, contextualizados, é convertido em sinal de perigo e de fronteira, em lugar de passagem e de possibilidade de transgressão entre público e privado, que por sua dimensão imaginária não é só região desconhecida, mas também de movimento de ruptura.(CAMARGO, 2010, p. 28).

Neste sentido, sigo narrando minha trajetória. O tempo ia passando enquanto eu “bolava<sup>1</sup>” para lá e para cá, sem saber o sentido de família de verdade, sem perspectiva, sem apoio, mas sempre com uma força de vontade muito grande de se tornar alguém. Apesar de sempre estar de um lado para outro, felizmente nunca deixei de estudar, fiz todas as séries sem repetir nenhuma, sempre achei que se eu estudasse e fosse muito

---

<sup>1</sup> Termo utilizado para representar algo ou alguém sem importância/perspectiva, que passa por diversas mãos ou lugares.



inteligente, alguém ia me aceitar, além disso o ambiente escolar sempre me fez sentir bem, o que me leva a refletir que positivamente sobre querer permanecer na escola hoje, não só como docente, mas como pessoa.

Uma das partes mais difíceis na infância, era ouvir comentários como “não vai ser nada na vida”, “coitada vai perder tanta coisa”, “não chega a lugar nenhum”, eu escutava isso com muita tristeza, mas decidi usar isso como uma motivação para não desistir, de forma a “conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual” (FERRAROTTI, 1979, p. 27).

A partir dessas experiências supracitadas, compreendi que tenho o poder de reescrever minha própria história e determinar meu futuro, futuro esse que comecei a ver a partir dos portões de várias escolas que passei, alimentando o desejo de permanecer sempre nesse espaço. As experiências difíceis que criei e rememorei serviram como uma motivação para buscar uma vida melhor, construir relacionamentos saudáveis e encontrar minha própria identidade pessoal e profissional.

### 3.2 Afeto, Adoção e Aceitação

Ironicamente, na creche<sup>2</sup>, mais um espaço educacional, conheci alguém que sempre demonstrou querer o meu bem, era uma das merendeiras da cantina. Ela sempre me acolhia na escola, sobretudo quando eu estava precisando de alguma ajuda. Passei a ter um carinho tão grande por ela, que comecei a chamá-la de mãe, era minha mãe Dézinha<sup>3</sup>. Então nas festinhas da escola, era ela a quem eu prestava homenagens, era ela quem recebia meus cartões do dia das mães, ela quem me dava a benção.

De acordo com as palavras de Cavagnoli, 2017, p. 46, “o passado é reaberto como um território propício à imaginação e à interpretação e é através da memória que essa recuperação ocorre”. Neste sentido consigo resgatar claramente através das minhas

---

<sup>2</sup> Creche Escola Espaço Infantil, escola de ensino infantil que estudei na infância.

<sup>3</sup> Apelido carinhoso utilizado para se referir a merendeira supracitada, cujo nome verdadeiro preservo comigo.





memórias, um episódio em que pedi para passar as férias com aquela merendeira, sem nenhum receio ela disse que eu podia, então passei um mês na casa daquela mulher que eu já acolhia como mãe. Nesse período, nossos laços se fortaleceram e quando as férias acabaram eu não quis ir embora. Ela também não queria me ver passar por todo aquele sofrimento que eu já havia passado, e decidiu me adotar como filha. Fui adotada definitivamente em dezembro de 2006, aos meus 6 anos de idade. É importante compreender que mesmo em meio a momentos difíceis, sempre há uma chance de encontrar pessoas que nos acolhem e nos proporcionam um sentido de pertencimento e felicidade duradoura. Para mim, isso foi importante não só pelo fato de encontrá-la, mas por saber que tudo aconteceu através da escola, o lugar que mais tinha e tenho apreço.

Com ela aprendi muito, cresci saudável, tive apoio, tive amor, tive tudo que eu precisava, até hoje estou com essa família, foi nela que me encontrei e consegui chegar aonde estou hoje. Minha mãe adotiva sempre me incentivou a seguir os melhores caminhos, começar sempre de baixo e nunca desistir. Nunca me deixou faltar aula sem necessidade, sempre presente na minha vida escolar, principalmente no período do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Esse processo de ser adotada por essa mãe que em meu coração eu já havia escolhido, talvez seja uma das mais fortes lembranças que carrego em minha memória, tendo em vista que para mim essa experiência de ser adotada representa um ponto de virada na minha vida, algo que me trouxe uma imensa felicidade e uma sensação de pertencimento. A partir desse momento, eu passo a ter uma nova identidade, uma família extensa e o amor incondicional de uma mãe.

A partir desse relato, reflito de modo geral sobre a importância das relações interpessoais e do afeto na vida de uma pessoa. O que vivi através da adoção evidencia como o acolhimento e o amor podem transformar a vida de alguém, especialmente de uma criança que busca conexões e um senso de pertencimento. Além disso, é interessante observar como as memórias podem nos registrar para o passado e despertar a imaginação e a interpretação dos eventos vividos, principalmente quando se trata de memórias de lembranças coletivas, como é o caso do relato supracitado, onde várias pessoas estão envolvidas.





Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWASCHS, 2006, p.30).

Desse modo, é possível compreender que nossa percepção e experiência pessoal nunca existem de modo isolado. Sempre teremos pessoas ao nosso redor, mesmo que estas não estejam presentes fisicamente no momento específico em que ocorrem as lembranças, ou seja, carregamos conosco uma parte das pessoas em nossas vidas, mesmo quando estão ausentes. Suas influências, ensinamentos, histórias compartilhadas e valores se entrelaçam com nossa identidade e moldam nossas perspectivas.

### **3.3 Relação familiar e fatos em anonimato**

Dascal (2006) enfatiza que, no processo interpretativo, o leitor/ouvinte se depara com diversas incógnitas e cada uma delas se insere em determinada teoria. As questões referem-se a: o que ele disse? (semântica tradicional ou filosófica), sobre o que ele estava falando? (frames), por que se deu o trabalho de dizê-lo? (atos de fala e lógica da conversação) e por que o disse dessa forma? (retórica).

Para mais, o ato de interpretar nos proporciona “determinar, com o máximo de precisão possível, o nível do ‘dever de compreender’ no qual o interlocutor está operando (DASCAL, 2006, p. 110)”.

Partindo desse pressuposto, fui ousada ao tentar interpretar partes da minha história que estão ocultas até hoje. Minha mãe diz uma coisa, meu pai diz outra totalmente diferente. Nessa dinâmica, já atingi a maioridade há tempos, e nunca descobri quem fala a verdade, quem me deixou e/ou o motivo. A família de ambos os defende, então é bem complicado perguntar qualquer coisa a quem quer que seja, por isso citei anteriormente, que tem partes da minha história que me deixa bem confusa. Neste momento, apesar de ter curiosidade nessa parte oculta, não dou tanta importância a isso, pois já estou vivendo



uma vida plena ao lado da minha família adotiva. Minha vontade de desvendar essa história simplesmente se dissipou.

Por outro lado, tempos atrás esse fato me desestabilizou bastante, tendo em vista que se trata de uma parte invisibilizada da minha história, algo que nunca tive a chance de conhecer, de entender. Aqui lembro da obra *I Tituba, Black Witch of Salem*, que se trata da autobiografia de Tituba, uma mulher escrava, bruxa e preta, que por muito tempo teve sua história oculta/invisibilizada, pois morreu sem ter a oportunidade de contar sua própria história, mas que três séculos depois, mesmo em seu estado mumificado, a protagonista Tituba renasce através do sopro da autora Maryse Condé, que foi a responsável por escrever a autobiografia, daquela que por muito tempo esteve esquecida.

Tituba teve alguém que a revivesse e compartilhasse sua história, de modo que o que em outrora fora invisibilizado, agora é algo visível, algo que conseguimos compreender. Por outro lado, trazendo para a minha realidade, parte da minha história ainda segue invisibilizada, no que diz respeito ao que meus pais escondem, verdades ainda estão ocultas.

É compreensível que essa situação um dia tenha me causado sentimentos complexos e conflitantes, tendo em vista que quando os pais se separam ou enfrentam problemas no relacionamento, é comum que haja diferentes perspectivas e narrativas sobre o que aconteceu. É importante lembrar que cada pessoa tem sua própria versão dos eventos baseados em suas experiências e evidências individuais. “Assim, a narrativa está permeada com a realidade vivida, buscando uma maior aproximação com o real”. (SILVA, 2018).

No final das contas, essa história complexa moldou quem sou hoje, e agradeço a todos os envolvidos, por terem contribuído para minha jornada de autodescoberta e crescimento, afirmo que pais esconderam verdades de você durante a infância pode ter um impacto significativo em minha formação pessoal e, por extensão, em minha formação profissional, tendo em vista que através dessa realidade adquiri habilidades cruciais como a habilidade de leitura de situações (útil em ambientes profissionais onde a comunicação eficaz é essencial; empatia e compreensão; desenvolvimento da



independência; habilidade de lidar com os desafios; valorização da transparência; motivação para se tornar uma boa comunicadora.

### **3.4 Vida acadêmica e profissional: aprendizados e caminhos para um futuro próximo**

Hoje, sou graduada no Curso de Licenciatura Plena em Química, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), a universidade contribuiu para refletir muitas coisas da minha história. Finalizar um curso na federal é muito significativo para mim, tendo em vista tudo aquilo que ouvi no passado, de que eu não conseguiria ser nada e nem ninguém.

Iniciei a licenciatura, mas nunca quis ser professora, pois meu foco, na verdade, era ser Perita Forense. Porém, no decorrer do meu curso, quando comecei a fazer as disciplinas pedagógicas, estágios e principalmente a manter o contato direto com a escola, passei a alimentar um amor inexplicável pela docência, amor capaz de me fazer dizer e reconhecer que hoje eu quero ser professora. Além disso, compartilho que o ato de refletir minha própria história de vida, têm contribuído para todo esse processo de formação profissional. Este fato me impulsiona a comungar com o seguinte pensamento:

[...] o professor encontra-se num cenário em que é pertinente refletir sobre si, como profissional e como pessoa, dado que são dimensões inseparáveis. Diante desse contexto, compreende-se que as autobiografias podem auxiliar na identificação dos novos sentidos que os professores atribuem ao seu pensar, fazer e sentir. (SOARES & SOBRINHO, [S/D], p. 02).

O desenvolvimento profissional do professor, concebido como um processo reflexivo e crítico sobre a prática educativa, é potencializado pelo movimento de escrita na medida em que esta exige (re)elaboração e (re)significação do pensamento pela própria estrutura do ato de escrever que possibilita uma formulação mais acurada das ideias do que a comunicação oral. (OLIVEIRA, 2011, p. 290).



Entendo que escrita desempenha um papel essencial no desenvolvimento profissional do professor, pois além de proporcionar um meio eficaz de reflexão, (re)significação e aprimoramento de suas práticas educativas, no ato de escrever, os professores se engajam em um processo reflexivo que os ajuda a aprofundar sua compreensão, fortalecer seu pensamento crítico e articular suas ideias de maneira mais precisa e coerente.

A escola sempre foi um lugar que me acolheu na minha difícil infância, pois apesar de tudo que passei, eu nunca deixei de ir para a escola, que por sua vez, sempre estava composta por ótimos professores que faziam o possível para passar uma educação de qualidade. Agora, na vida adulta, eu tive a oportunidade de fazer um outro papel, hoje não estou sendo apenas acolhida pela escola, eu também passei a acolher muitos alunos. O fato de acolher pessoas, também me faz sentir acolhida e lembrar que assim como eu (lá na minha infância), muitas crianças e adolescentes precisam desse acolhimento por parte destes que compõem a escola.

Um dia vi uma frase de um autor desconhecido que dizia o seguinte “Ser professor não é apenas ensinar, é ser amigo daquele que é ensinado”, se tem uma coisa que aprendi com minha história, foi a não desistir, por muitas vezes o aluno só precisa de alguém que acredite nele e confie em seu potencial (era isso que eu precisava) e é essa professora que sou e quero ser a cada dia, aquela que acredita nos alunos e não desiste deles, pois isso vai para além de ensinar, é ser amiga dos alunos. Esse meu anseio parte da identidade docente que venho construindo diariamente a partir das minhas vivências e experiências.

O professor em exercício ou o futuro professor, ao buscar palavras para melhor se expressar, dando ao outro a possibilidade de compreender seus pensamentos e ideias, pode, a partir de suas experiências, construir as relações necessárias à produção de sentidos (OLIVEIRA, 2011, p. 290).

Muitos dizem que tenho uma história triste, por muito tempo acreditei fielmente nisso, hoje já penso de forma diferente. Acredito que há um propósito para tudo que acontece em nossas vidas, mesmo que no momento a gente não consiga compreender e aceitar tal dificuldade, mais tarde certamente entenderemos os motivos pelos quais passamos por tantos fatos atípicos. No meu caso, sempre entendi que minhas vivências



eram negativas e sofria muito por isso, mas desistir nunca foi uma opção, e então, mais tarde compreendi que tudo isso foi necessário para que eu me tornasse a mulher que me tornei e que venho me tornando a cada dia. Talvez se isso não tivesse acontecido, eu não teria aprendido tão cedo o sentido da palavra resiliência. Estou aqui porque não desisti! E o que deixo como reflexão é não desistir apesar das dificuldades e desafios que sempre vão aparecer durante a caminhada. Que em meio as coisas ruins sempre devemos procurar o lado bom e buscar evoluir trabalhando a responsabilidade, a resiliência e força de vontade para nunca desistir.

E sim, minha história de vida desempenha um papel significativo na minha formação docente, pois influencia diretamente a perspectiva, os valores e as abordagens que um professor traz para a sala de aula. Além disso, minha narrativa bibliográfica é um componente fundamental de minha identidade e vem a influenciar profundamente minha abordagem ao ensino. Ao considerar e integrar minhas experiências pessoais na prática docente dia após dia, busco criar um ambiente de aprendizagem mais envolvente, inclusivo e enriquecedor para seus alunos.

#### **4. Considerações finais**

No presente trabalho busquei apresentar minha experiência na construção da minha narrativa autobiográfica, sobre minha própria história de vida, dividindo assim minhas memórias e refletindo sobre minhas experiências pessoais como uma maneira eficaz de compartilhar minha subjetividade e trazer uma perspectiva única de interpretação para os/as leitores/as.

Através do desenvolvimento dessa narrativa, foi possível revisitar o passado e refletir sobre aspectos e perspectivas de vida que vêm a reconstruir presente e futuro, entendendo que todos os desafios e dificuldades vivenciadas no passado de alguma forma contribuíram para o que sou hoje e o que serei amanhã. Escrever minha própria história promoveu um exercício de autoconhecimento e autoexpressão, além de permitir que minha história chegue a outras pessoas.



Além disso, ao refletir sobre a minha história, experimentei aprendizados valiosos, transformando em ferramentas para o meu crescimento pessoal e profissional. A capacidade de se autoanalisar e aprender com as próprias vivências é uma habilidade que contribui para o desenvolvimento de competências e conquista de objetivos.

Por fim, é importante lembrar que a referida história de vida, assim como qualquer outra, é uma narrativa em constante evolução. À medida que crescemos e vivenciamos novas situações, nossa perspectiva pode se modificar e nossas reflexões se prolongarão ainda mais. Continuemos a explorar-se, a aprender e compartilhar nossas histórias com os outros, pois, ao fazê-lo, estamos construindo um futuro cada vez mais direto com quem somos e com os nossos sonhos.

## Referências

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. **Capitão Duarte: caminhos em terras cearenses com educação, imprensa e amor proibido**. In: MACHADO, Charliton José dos Santos (Org.). *Desafios da escrita biográfica: experiências de pesquisa*. Fortaleza: UECE, 2018. p. 40-58.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

CAMARGO, M. R. R. M. de. **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação** / Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo (org.); Vivian Carla Calixto dos Santos (colab.). - São Paulo : Cultura Acadêmica, 2010.

CARRASCO, Bruno. **O que é subjetividade?** *Ex-isto*. 2021. Disponível em: <https://www.ex-isto.com/2021/02/subjetividade.html> Acesso em: 13 de junho de 2023.

CAVAGNOLI, Ana Carolina Andrade Pessanha. **Descolonizando o euautobiográfico feminino: a questão da memória e história nas narrativas da escravidão**. *Revista Entrelaces* • V. 1 • Nº 9 • Jan.-Jun. 2017.

DASCAL, Marcelo. **Interpretação e Compreensão**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *Sociologie de la connaissance* (coor. de Jean DUVIGNAUD), Paris, Payout, 1997. pp. 131 - 152.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006. .



HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de. **Educação, formação de professores e suas dimensões sócio-históricas: desafios e perspectivas**. R. Educ. Públ. Cuiabá v. 20 n. 43 p. 289-305 maio/ago. 2011.

RABELO, Amanda Oliveira. A importância da investigação narrativa na educação. Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 114, p. 171-188, jan.-mar. 2011. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/es/a/fSZvft63V58mv3ZVGx3wVzr/?format=pdf&lang=pt#:~:text=exp%C3%B5em%20que%20a%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20narrativa,ser%20\(ela%20mesma\)%20formativa](https://www.scielo.br/j/es/a/fSZvft63V58mv3ZVGx3wVzr/?format=pdf&lang=pt#:~:text=exp%C3%B5em%20que%20a%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20narrativa,ser%20(ela%20mesma)%20formativa). Acesso em: 15 de junho de 2023.

SANTOS, Márcia Pereira dos. **A compreensão do si mesmo e do outro em autobiografias: contribuições ricoeurianas na escrita da história**. UNESP - França, 2006.

SILVA, Ana Maria Eugenio da. **Enfrentamento e superação do câncer de mama : Narrativa autobiográfica de uma mulher negra quilombola** [recurso eletrônico] / Ana Maria Eugenio da Silva. - 2018.

SOARES, Antonina Mendes Feitosa; SOBRINHO, José Augusto de Carvalho Mendes. **AUTOBIOGRAFIA E FORMAÇÃO DOCENTE: CAMINHOS E PERSPECTIVAS PARA PRÁTICA REFLEXIVA**. Disponível em: [Microsoft Word - GT 01.14.doc \(wordpress.com\)](#) Acesso em: 16 de junho de 2023.